

RON SUSKIND

Vida animada

Uma história sobre autismo, heróis e amizade

Tradução
Ana Ban



Copyright © 2014 by Ron Suskind

Publicado originalmente nos Estados Unidos e no Canadá.
Esta edição foi publicada mediante acordo com Kingswell.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Life, Animated: A Story of Sidekicks, Heroes, and Autism

FOTO DE CAPA Sam Ashby/ Dogwoof

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Márcia Moura e Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Suskind, Ron

Vida animada : uma história sobre autismo, heróis e amizade / Ron Suskind ; tradução Ana Ban. — 1ª ed. — Rio de Janeiro : Objetiva, 2017.

Título original: Life, Animated : A Story of Sidekicks, Heroes, and Autism.

ISBN 978-85-470-0037-0

1. Crianças autistas - Estados Unidos - Biografia 2. Crianças autistas - Estados Unidos - Relações familiares 3. Comunicação interpessoal 4. Filmes de animação - Aspectos psicológicos 5. Pais de crianças autistas 6. Suskind, Ron - Biografia I. Título.

17-02200

CDD-616.858820092

Índice para catálogo sistemático:

I. Estados Unidos : Crianças autistas : Biografia
616.858820092

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/editoraobjetiva

instagram.com/editora_objetiva

twitter.com/edobjetiva

Para nosso filho Walt, um herói da vida real

Nota do autor

Como você vai descobrir por meio deste livro, meu filho Owen transformou diálogos e letras de músicas dos filmes de animação da Disney em ferramentas para formar sua identidade e crescer emocionalmente.

Por isso, agradeço à Walt Disney Company, que concordou em não exercer absolutamente nenhuma influência sobre o conteúdo deste livro, apesar de envolver avaliação e apreciação de sua principal linha de negócios. A empresa cumpriu o acordo de maneira criteriosa.

A independência deste trabalho é questão de interesse mútuo, afinal a Disney não endossa de maneira nenhuma o uso de seu material para o tratamento de questão alguma relacionada ao autismo.

O que se segue são as experiências de uma família ao longo de vinte anos e o relato do que descobrimos.

Sumário

1. Crescendo para trás	11
2. Batendo na parede	39
3. Na pele do personagem	61
4. Dança das cadeiras	86
5. O protetor dos escudeiros	102
6. A música da jornada	127
7. Fórmulas mágicas	164
8. Sorte no azar	192
9. Bênçãos sem disfarce	224
10. Os Deuses dos Filmes	250
11. Por conta própria	282
12. A vida animada	309
<i>Escudeiros</i>	338
<i>Agradecimentos</i>	347

1. Crescendo para trás

Há uma fita de vídeo que me incomoda.

Nela, vê-se um menino correndo com uma espada de brinquedo em meio a folhas caídas. A data que aparece na tela é OUTUBRO DE 1993. Ele corre como os meninos de sua idade, mais ou menos dois anos e meio, balançando a cabeça sem controle, para a frente e para trás, coisa que logo vai mudar. Sabemos disso porque, no final do século xx, inundados de imagens, temos uma ideia bem definida de como as coisas *devem* ser e somos capazes de decifrar todo tipo de interferência na paisagem em movimento, na maior parte das vezes com precisão. Ele está com os olhos arregalados e tem cabelos encaracolados. Veste uma calça verde de veludo cotelê e um casaco de inverno colorido. O tipo de árvore e a topografia sugerem a região nordeste dos Estados Unidos. O quintal cheio de plantas fica atrás de uma casa pequena, apesar de o balanço instalado ali ser rebuscado — grandioso e novinho em folha, um sinal de pais jovens e esforçados. O menino é perseguido por um homem com jeito de garotão e cabelo escuro, que dá risada e segura um graveto. Ele escorrega de joelho nas folhas, tentando fazer com que o menino se vire, pronto para um duelo. Quando as espadas se encontram, o homem diz: “Ele não é um menino, é um demônio voador!”, em uma imitação passável do Capitão Gancho, do *Peter Pan* da Disney.

O fato de que o homem e o menino recitam um diálogo de um filme de animação feito em 1953 exemplifica a onipresença do vcr, que

na época era o passo mais avançado na captura de som e imagem iniciada um século antes com a primeira gravação de Thomas Edison. Em vez de se deslocar até um cinema, já era possível assistir a filmes inúmeras vezes em exhibições gratuitas. Então, era o que se fazia. A Disney começou a lançar clássicos como *Dumbo*, *Mogli* e *Peter Pan* em videocassete, filmes que os pais nascidos depois da Segunda Guerra Mundial adoravam quando pequenos e que passaram a comprar e compartilhar, como se fossem novos, com seus filhos. A bonança financeira da época ajudava a explicar um vídeo de duas pessoas citando outro vídeo.

Agora, transporte essas informações específicas para o plano universal. Afinal de contas, o registro não passa de um pai e um filho envolvidos no tipo de bagunça que costuma carregar com leveza montes de emoções ocultas: o menino, a cada passo, transforma-se no herói de sua imaginação fértil; enquanto isso, o pai, ciente em algum recôncavo profundo de que o filho vai crescer para substituí-lo, considera as diversas maneiras de perecer. Tudo representado, sem esforço, pelo menino dando uma estocada elegante que faz o homem desabar — tão morto quanto as folhas que estalam —, antes de puxar a criança risonha para cima dele.

Sou o pai desse vídeo tão legal, apesar de não ter nada de mais. Esse é meu filho. Já assisti às cenas uma centena de vezes, assim como minha mulher, até não aguentarmos mais.

É o último sinal dele, capturado sem piedade e para sempre gravado na fita magnética.

Um mês depois, aquele menino desapareceu.

O nome dela antes de nos casarmos era Cornelia Kennedy — de um grande clã irlandês católico no estado de Connecticut. Hoje ela usa o sobrenome Suskind. Sou seu marido, Ron, um sujeito de Delaware. O mais velho dos nossos dois filhos, Walt — ele recebeu o nome em homenagem ao meu pai, que morreu quando eu era criança —, tem cinco anos neste momento. Nosso filho mais novo, o menino com a espada de

espuma, se chama Owen. A casa em que começamos nossa vida em família, com um quintal cheio de plantas, fica em Dedham, em Massachusetts. Passei três anos na sucursal do *Wall Street Journal* em Boston. Estamos nos mudando para Washington, onde vou trabalhar como repórter de assuntos nacionais. O vídeo foi feito um dia antes de o caminhão da mudança chegar, e ainda estamos pisando com firmeza no terreno do “normal”. Nunca pensei muito nessa palavra, sobre como ela é uma dessas definições padronizadas, delineada menos pelo que é e mais pelo que não é — um círculo definido por tudo o que está fora dele.

Cornelia percebe primeiro, algumas semanas depois de chegarmos a Washington. Ela passa o dia inteiro com ele, todos os dias.

Há algo errado, horrível.

Owen está fora de si. Ele chora, corre de um lado para o outro, para, chora um pouco mais. Quando faz uma pausa para recuperar o fôlego, fica olhando fixamente para o nada.

Isso quando não está olhando para Cornelia com olhos indagadores. Ela segura o rosto vermelho e molhado dele nas mãos e pergunta qual é o problema. Ele não consegue responder. Owen nunca foi tão falante quanto o tagarela do irmão mais velho, mas falava bastante — usando aquele vocabulário de algumas centenas de palavras que uma criança de quase três anos tem para demonstrar suas necessidades, expressar amor ou até contar uma piadinha ou história.

Estamos em uma casa alugada em Georgetown, e tudo acontece no meio da confusão da mudança: caixas para desempacotar, uma escola nova para Walt, um trabalho novo em uma redação de jornal grande e barulhenta para mim. Assim, a perda da fala só é notada quando Owen passa a se ater a umas poucas palavras. Um mês depois da partida do caminhão de mudança, em novembro, ele só diz “suco”.

Mas, às vezes, Owen nem bebe aquilo que colocamos no copo de criança, com bico. Ele já tinha passado para o “copo de menino grande” quase um ano antes. Porém, em Georgetown, começou a derramar tudo, como se tivesse perdido a coordenação. E realmente perdeu. Ele gira e cambaleia. Então Cornelia o segura no colo o máximo de tempo

possível, sentada na poltrona reclinável, enquanto repassa os meses na mente, em ritmo acelerado. Será que aconteceu alguma coisa, algo em que ela não reparou?

É como repassar as pistas de um sequestro. Em uma viagem para Southampton, no mês de agosto, ele passou quase um dia inteiro chorando de maneira inconsolável, apesar de nunca ter sido muito disso. Depois teve o dia do carregamento do caminhão de mudança, no fim de outubro, quando uma amiga próxima levou as crianças para passar o dia com ela e, ao trazê-las de volta, disse que Owen tinha dormido o tempo todo. Ele ainda tirava sonecas durante o dia, mas a tarde toda? Ao abrir uma caixa, Cornelia encontra um vídeo daquele dia. O sol estava se pondo e Walt passeava pela casa meio vazia. Ele estava feliz da vida. Seria uma longa viagem até Washington. Os peixinhos dourados dele, Artie e Tyler, que tinham esses nomes em homenagem aos seus dois melhores amigos, já estavam em um aquário fechado, prontos para a jornada. “Meus peixes também vão com a gente!”, ele diz. Então, por um instante, o enquadramento da câmera nos dá um vislumbre de Owen dizendo baixinho, sonolento: “Este é o meu berço e todas as minhas coisas”.

Ela encontra outro vídeo na mesma caixa — a luta de espada de *Peter Pan*. Naquela noite, nós dois assistimos à fita. Não faz sentido. O jeito como ele se mexe, a facilidade para falar. Voltamos e assistimos de novo. E de novo. Em busca de pistas.

Em meados de dezembro, Cornelia se pega deitada com Owen na cama de baixo do beliche, enquanto Walt dorme profundamente na de cima. Um pequeno aquário iluminado chia na estante, em que Artie e Tyler nadam em silêncio em meio às bolhas. São três da madrugada. Owen rola de um lado para o outro, balbuciando coisas sem sentido. Cornelia o abraça com o máximo de força possível, tentando acalmá-lo. Na noite escura e desesperadora, ela reza, chora e sussurra, na esperança de que Deus esteja ouvindo: “Por favor, nos ajude. Seja lá o que estiver acontecendo, eu te amo tanto que o meu amor vai arrancar isso de você. Vou continuar abraçada a você até que isso passe”.

As festas de fim de ano estão se aproximando — há presentes para comprar, e Washington ganha vida com os inúmeros eventos. É uma época de altas expectativas. Por alto, parece que tudo vai bem, de acordo com o plano que passamos anos traçando.

Cornelia e eu ficamos amigos quando trabalhamos juntos em uma campanha política, já formados. Ela leu meu material de inscrição para a pós-graduação em direito, que estava em cima da minha mesa, e disse que eu não parecia estar com muita vontade de estudar aquilo — e eu não estava mesmo —, mas que tinha sido muito bem redigido e que eu deveria pensar em escrever. Ela já escrevia, era um prodígio, e eu gostei da ideia de imediato. Antes de morrer de câncer, aos 46 anos, meu pai escrevera uma carta para mim e para meu irmão mais velho suplicando que fizéssemos “algo útil” com nossa vida. O jornalismo parecia se encaixar na definição: a oposição à autoridade, a busca pela verdade, tentar fazer com que as pessoas lessem mais. Nosso candidato perdeu, mas nos tornamos um casal. Cornelia conseguiu um emprego em Nova York como repórter da revista *People* e eu fiz pós-graduação em jornalismo na Universidade Columbia, e então passei dois anos como redator do *New York Times*, enquanto ela subia na carreira e se tornava editora. Fiquei um ano e meio como repórter do *St. Petersburg Times*, na Flórida, onde nos casamos, depois fui editor de uma pequena revista de negócios em Boston. Em 1990, consegui uma vaga na redação do *Wall Street Journal* em Boston, bem pertinho da igreja Old South Meeting House. Eu inventava histórias desde quando mal sabia falar — para atender aos pedidos da minha orgulhosa mãe, criada no Brooklyn —, e até as transformara em números de comédia nos anos difíceis depois da morte de meu pai. Mas eu estava aprendendo, ano a ano, a escrevê-las, na íntegra, para a primeira página do renomado jornal. Fui transferido para Washington para fazer isso em tempo integral — o emprego dos meus sonhos.

Então, à noite, tentamos nos concentrar em todos os aspectos positivos — novos amigos, móveis baratos para nossa casa alugada de três andares, bairros em que algum dia poderíamos comprar uma casa — antes de Cornelia, relutante, mencionar uma coisa, algo preocupante que Owen tinha feito. “Tudo vai ficar bem”, digo, antes de tentar dar

uma explicação plausível: Owen está passando por algum tipo de incômodo, talvez gástrico, talvez até uma leve perda auditiva, mas vamos dar um jeito.

“Nenhuma criança perde aquilo que já conquistou. Ninguém cresce para trás.”

O pediatra pede para ficar um pouco sozinho com nosso filho. Aguardamos na sala de espera, ressabiados. Ele quer ver como Owen interage com um desconhecido longe de nós. Como crianças são pessoinhas cheias de confiança, elas costumam olhar para desconhecidos. São curiosas. Sugam informação como se fossem aspiradores. Olham nos olhos e se expressam. Pelo menos, é isso que se espera delas.

Depois de alguns minutos, o médico nos chama. Ele não fez nada daquilo. Dizemos: “Sim, nós sabemos, é por isso que estamos aqui”. Cornelia descreve resumidamente o que anda vendo, a natureza das nossas preocupações, como nossa vida virou de cabeça para baixo.

Ele escuta. “Se algo está causando tanta perturbação assim na vida da família”, ele diz, “então é um problema, com toda a certeza.” Quando os pediatras não sabem muito bem o que está acontecendo, principalmente com crianças pequenas, passam para o modo “preocupação de mãe”.

O médico diz que precisa tirar uma amostra de sangue para dois testes genéticos. Um é para a síndrome do X frágil (um problema neurológico, depois ficamos sabendo, com um marcador genético detectável e consequências destruidoras). O outro teste é para doença de Tay-Sachs. Esta eu sei o que é: uma enfermidade que causa declínio mental e físico em bebês e costuma levar à morte antes dos quatro anos. Tem prevalência maior entre descendentes de judeus do Leste Europeu. Este sou eu. Aprendemos sobre isso na escola judaica, junto com o Holocausto. Então o pediatra decide nos encaminhar para um centro médico — em Rockville, Maryland — que talvez possa nos ajudar mais.

Em fevereiro, estamos acomodados em um tipo de sala de espera bem diferente, dentro do Centro Reginald S. Lourie para Bebês e Crian-

ças. Ela é acoplada a uma sala de jogos, visível através de um espelho falso. Dentro dela, há blocos grandes de várias cores, balanços e tapetes para as crianças brincarem... enquanto são observadas.

Somos conduzidos até um consultório, onde uma mulher alta, com aparência rígida e cabelo escuro, está à nossa espera. Ela cumprimenta Owen, cuja mão Cornelia segura firme. Há mais brincquinhos ali, mas Owen os ignora. Minutos se passam. Então ela faz com que ele caminhe por um longo corredor, de mim até Cornelia. Quando o solto, tenho vontade de dizer: “Caminhe direitinho e em linha reta, como você fazia lá em Dedham, pelo menos desta vez”. Não é o que ele faz. Owen agita os braços, cambaleia, se equilibra, faz um zigue-zague. Parece estar correndo de olhos fechados. Cornelia o pega no colo, então voltamos para o consultório. “Parece que ele tem um transtorno invasivo do desenvolvimento [ou TID]”, a médica diz. “Está claro pelo jeito como ele caminha, entre outras coisas.” Ela prossegue falando de um jeito distante, antisséptico, mal olhando para Owen, que está sentado no chão, mexendo os dedos. A esta altura, não estamos realmente presentes. Tanto Cornelia quanto eu estamos em outro lugar, flutuando longe, olhando para o jovem casal paralisado naquelas cadeiras, assentindo em intervalos de alguns segundos, ao lado de uma criança que examina as próprias mãos com muita atenção. E é por isso que não tenho bem certeza do que a médica está falando quando menciona “autismo”.

A negação é uma força poderosa. Anos depois, o pai de um amigo próximo me disse algo sábio: “Respeite a negação. Ela existe por um motivo: é a maneira como lidamos com aquilo que não somos capazes de encarar”. Aos 34 anos, eu não a respeitava nem a reconhecia.

No caminho de volta para casa, Cornelia e eu estamos em silêncio enquanto Owen se agita em sua cadeirinha. Não tem como aquela mulher estar certa. Sabemos o que a maior parte das pessoas sabe sobre autismo nesta época. Assistimos a *Rain Man*, assim como todo mundo nos Estados Unidos. Nosso filho não é Raymond Babbit, o cara que Dustin Hoffman interpreta. De jeito nenhum!

Um mês depois, encontramos um médico novo: um jovem pediatra do desenvolvimento em uma clínica famosa em Bethesda, que

tem uma semelhança incrível com um velho amigo de escola de Cornelia que foi meu colega na faculdade e nos apresentou. Muito melhor, com certeza.

O dr. Alan Rosenblatt pega Owen no colo e diz, suavemente: “Oi, amiguinho”. Desta vez, Owen retribui o olhar. Eles fazem alguns exercícios — tocam os dedos, observam juntos o médico mexendo as mãos — e depois vão para o chão. Owen parece à vontade. Eles constroem casinhas usando blocos. Rosenblatt começa uma para ver se Owen continua.

Ele não continua. Não há muita interação. Owen levanta e sai andando. Rosenblatt o chama pelo nome. Então Owen se enfia embaixo de uma cadeira e olha para o médico como quem diz “Vem me pegar” — uma breve expressão, que chegou e foi embora —, convidando-o à caçada. Rosenblatt anota algo em sua prancheta.

De volta à cadeira, ele diz: “Acredito que Owen tenha o que hoje chamamos de transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação”. Isso significa que Owen tem alguns “comportamentos autistas”, mas também outros — como aquele olhar de “Vem me pegar” — que não se encaixam no autismo clássico.

Ele detalha uma rotina para Owen que acredita que devemos iniciar imediatamente. Fonoterapia intensiva, terapia ocupacional e lúdica. Também precisamos procurar sem demora uma escola adequada para o início do ano letivo; ele inclusive tem algumas sugestões. “A intervenção precoce é fundamental”, diz o médico. “Famílias religiosas costumam lidar um pouco melhor com isso.” Sinto um calafrio, como se a catástrofe estivesse à nossa espera, mas Cornelia, que foi criada no catolicismo, saberá tirar forças disso.

O fato de Owen não ser rotulado como “autista” é um alívio, assim como o fato de Rosenblatt chamar os problemas dele de “atraso”. Mais tarde saberemos mais sobre a conotação desses termos. O mais importante, no momento, é que essas palavras nos impedem de deixar o consultório às pressas e voltar para casa sentindo que nossos braços e pernas foram arrancados.

Batemos papo com o médico enquanto caminhamos na direção do estacionamento naquele dia de abril, sentindo-nos mais fortes. Mencionamos a ele nosso maravilhoso pediatra em Boston, um médico de

Harvard chamado Bob Michaels. Rosenblatt faz uma pausa. “De Pittsburg?” “É”, respondemos, animados, “ele cresceu em Pittsburg.” “O pai dele foi meu pediatra. Ele era ótimo. Foi a principal razão de eu ter me tornado médico!”

Assim que chegamos em casa, ligamos para o dr. Michaels em Harvard para contar a respeito da extraordinária coincidência e aproveitamos para relatar o que vinha acontecendo com Owen desde que tínhamos saído de Massachusetts. Ele nos coloca em espera e pega a ficha de Owen. Examina-a rapidamente, mas nem precisa. “Eu o vi no ano passado. Ele estava ótimo. Não sei como isso pode ter acontecido.”

Também não sabemos. Sim, algo saiu dos eixos, algo que confunde até os médicos. Ele é “atípico” — palavra de Rosenblatt —, com “atrasos” variados. Mas podem ser corrigidos. Dormimos de alma lavada naquela noite. Vamos salvar nosso filho, vamos reconstruí-lo, vamos fazer com que renasça! Em todas as horas de todos os dias. *Tolinhos*.

Na manhã seguinte, Cornelia pega Owen pela mão e percorre com Walt os sete quarteirões até a Escola de Ensino Fundamental Hyde, na nossa rua. Nosso filho mais velho está indo muito bem lá. Tirando um leve problema disciplinar — tocar gaita para anunciar sua presença no primeiro dia —, está adorando a escola, fazendo amigos, brincando, aprendendo e crescendo. Naquele dia, depois de deixá-lo na escola, Cornelia, com Owen a reboque, encontra um pequeno grupo de pais. Hyde não está exatamente no mesmo nível de outras escolas de ensino fundamental dos bairros da região noroeste da cidade, mas tem a intenção de se equiparar — uma iniciativa discutida no café da manhã por um grupinho que se reuniu para falar sobre a Feira da Primavera da Hyde, que está para acontecer. Ela pode, e deve, levantar bastante dinheiro para a escola, e Cornelia — como codiretora da feira — anda ocupada arrebanhando patrocinadores, doações e afins.

Tudo isso faz com que aquele dia — um sábado no início de maio, duas semanas depois — seja importante para a nova família na nova comunidade. O grande parquinho cercado anexo à escola começa a encher no fim da manhã, quando os responsáveis pela recreação con-

seguem inflar o pula-pula. Parece aquilo que esperávamos encontrar em Washington — aquilo que qualquer um esperaria, na verdade —: a companhia de guerreiros felizes, construindo um mundo delimitado de diversão e comida, onde exércitos iguais e equiparados de pais e filhos se juntam e comemoram uma boa causa.

Tomamos muito cuidado, é claro, ao planejar o dia para nosso menino mais novo, para que ele possa participar do evento conosco. Só há um portão no parquinho, vigiado por pais voluntários que conhecem Owen e se comprometem a prestar atenção para que ele não saia; isso nem é um problema, levando em conta que Cornelia e eu nos revezaremos com ele a cada minuto. Tem que ser assim ao longo de horas, porque a administração de uma feira tem seus altos e baixos. “Mais gelo”; “Alguém sabe onde fica o interruptor?”; “Acabou a salsicha!”.

É difícil especificar o momento exato. Geralmente, a culpa é do pai. As mães provavelmente têm um sistema neurológico capaz de controlar as coordenadas dos filhos desde o Big Bang. A tarde já vai bem avançada quando solto a mão dele para enfiar o resto de um cachorro-quente na boca — o almoço de Owen tinha sido a outra metade — e pegar uma lata de Coca que eu tinha deixado no chão. Quando viro, a área de balanços menos de meio metro à minha esquerda, onde ele estava agora mesmo, está vazia.

Os pais também estão equipados para essas situações. Mas os circuitos disparam de um jeito diferente. Primeira regra: não entre em pânico. Examine o perímetro, com firmeza e rapidez. Noventa graus, 180, 260, 360.

Então entro em pânico. Começo a correr, primeiro em um trote lento, na direção do portão. Pergunto a um dos pais: “Você viu se Owen passou por aqui?”. É impressionante como um homem que corre chama a atenção. Eu me viro e vejo uma pequena multidão atrás de mim... liderada por Cornelia.

Não preciso dizer que ele sumiu; ela está vendo. Então, pulo para os fatos pertinentes: “Eu estava com ele no balanço há trinta segundos. Não pode ter saído pelo portão!”.

Ajuda o fato de a feira estar esvaziando — há menos gente para impedir nossa visão. Depois de cinco minutos, continuamos sem saber

onde ele está. Correndo e arfando, Cornelia e eu temos na cabeça a mesma memória: um ano antes, em uma feira de escola em Wellesley, perto da nossa casa, em Massachusetts, ele se perdeu. Nem demos atenção, porque crianças de dois anos se perdem. Acontece. Na verdade, não com tanta frequência. A tendência delas é ter pelo menos um pouquinho de ansiedade da separação — que combina com o radar materno — e a vaga consciência de que os pais não estão por perto. É nesse momento que percebem que estão perdidas e começam a chorar. Se Owen chegou a ter esse equipamento algum dia, agora não funciona mais... e isto aqui não é a verdejante Wellesley. Trata-se de um pedaço de concreto cercado em Georgetown, com carros passando na rua de paralelepípedos e, a meio quarteirão de distância, disparando na avenida Wisconsin — uma das principais vias de circulação de Washington.

Em dez minutos, o pânico se espalha. Pais começam a procurar nas ruas. Cornelia e eu corremos para a escola. Não está aberta para a feira, mas uma porta, pela qual passam alguns cabos de força, está. A construção é uma caixa de tijolos da virada do século XIX para o XX, enorme e vazia, com cornijas se desfazendo e dois corredores, que percorremos apressados separadamente. Ouvimos buzinas do lado de fora. Parece um acidente na avenida Wisconsin. Meu coração para de bater. *Por favor, Deus, que não seja ele.* Cornelia agora se move tal qual um espírito — em silêncio e ligeira, sem fôlego, os pés mal tocando o chão. Ela não está exatamente no corpo. Está na cabeça dele, olhando ao redor e depois através dos seus olhos, os dois se encontrando ali, ela falando baixinho: “Para onde você foi? Para onde queria ir?”. A maior parte das salas de aula está trancada. Uma porta está aberta.

E ali, ao lado de uma janela larga, parcialmente aberta, que dá para o parquinho onde todo mundo grita “Owen! Owen!”, está ele. Parado, quieto, ao lado de uma caixa de areia. Do lado de fora, pais se movem em um uníssono temeroso, enquanto Owen observa com toda a atenção os grãos que escorrem por entre seus dedos.

Assentos no salão lotado logo ao norte de Washington já são difíceis às oito da manhã em um dia de junho não muito quente. O ar

dentro do hotel Crowne Plaza em Rockville, Maryland, está elétrico, cheio de conversas entrecortadas e olhares ansiosos, para lá e para cá.

Cornelia avista uma cadeira vazia em uma mesa cheia quando o dr. O. Ivar Lovaas — de cabelo grisalho e enérgico aos 77 anos, com um sorriso amplo, olhos azuis e apenas o mais tênue dos vestígios de sotaque norueguês — sobe ao palco e é recebido com aplausos estrondosos.

Ele saiu da Universidade da Califórnia e de suas crescentes operações naquele estado para vir à Costa Leste incentivar os fiéis, mas também para converter os céticos. Pretende fazer isso com um espetáculo. Logo o palco ganha vida com uma espécie de psicodrama — terapeutas trabalhando com crianças autistas seguindo o modelo Lovaas de análise comportamental aplicada, mais conhecido como ABA (Applied Behavioral Analysis, em inglês). É o próprio Ivar quem comanda tudo.

A técnica dele é, em essência, firme: um terapeuta com treinamento em ABA se senta na frente de uma criança pequena e, com recompensas e “aversões” verbais — linguagem severa e às vezes gritos —, força mudanças nela. É pura modificação de comportamento. Lovaas é discípulo de B. F. Skinner e seu uso de recompensas e castigos para condicionar reações. No caso dos autistas, envolve reduzir comportamentos de interferência, aumentar a capacidade de atenção da criança através de instruções sucintas, usar consequências eficientes para o comportamento, apresentar em sequência os materiais didáticos para formatar comportamentos mais complexos, e assim por diante. Para olhos destreinados, parece adestramento de animais. Na tentativa de estabelecer contato visual, por exemplo, o terapeuta coloca a recompensa (chocolates M&M's são os mais populares) no topo do nariz da criança para fazer com que erga os olhos para o rosto do terapeuta. Se, depois de uma instrução sucinta — “Olhe para mim” —, o contato olho a olho for feito, o M&M vai para dentro da boquinha. Instruções ríspidas, como “Mãos paradas” (crianças autistas costumam agitar as mãos) ou “Silêncio” (nada de falar sozinho), são seguidas de agarrões e manipulações, colocando as mãos da criança no lugar correto. Na seleção para o primeiro quarteto de crianças autistas com quem trabalhou na década de 1970, Lovaas privilegiava as que tivessem uma dieta saudável, para que a negação de comida obtivesse efeito máximo.

Mestre em frases de efeito, Lovaas, para obter melhores resultados, implora à audiência que coloque os filhos em um de seus programas intensivos de quatro horas por semana antes de completarem quatro anos.

“Quando completam quatro anos fica mais difícil. Então, por favor, não esperem”, diz, antes de oferecer histórias inspiradoras a respeito de como vidas mudaram totalmente com seu método.

Lovaas apresentou resultados surpreendentes após uma pesquisa feita com dezenove crianças. A descoberta dele — de que nove das crianças afetadas por autismo severo foram “curadas” por sua técnica e tiveram uma vida bem-sucedida em um ambiente comum depois — ainda não tinha sido publicada em 1994.

Mas não eram poucos os dispostos a tentar.

Aprendemos muita coisa desde que conhecemos Rosenblatt. Há muito mais a saber do que *Rain Man*, é claro, uma história que remonta à década de 1930, quando Leo Kanner, um psicólogo infantil do Johns Hopkins, testou onze crianças pela primeira vez e registrou a descoberta de um menino específico que “se recolhia em uma concha e vivia dentro de si mesmo”, “ignorando tudo a seu redor”. As crianças, de maneira geral, tinham dificuldade com linguagem, tratavam objetos com um cuidado normalmente reservado a pessoas e davam chiliques quando rotinas eram modificadas, mas tinham uma memória forte, embora limitada, e não se podia considerar que tinham “a mente fraca em qualquer sentido comum”, Kanner escreveu.

Por volta dessa época, a meio mundo de distância, Hans Asperger, um pesquisador austríaco, fazia uma pesquisa original com quatro meninos que demonstravam “falta de empatia, pouca habilidade para fazer amizades, conversas unilaterais, fixação intensa por um interesse específico e movimentação desajeitada”. Asperger, que nunca conheceu Kanner, apelidou essas crianças de “pequenos professores”, hiper-verbais em tenra idade, profundamente concentradas em suas afinidades específicas, mas, ainda assim, “autistas” no sentido de que viviam solitárias, em isolamento social — em estado muito parecido, aliás, com o do próprio Asperger.

Nas décadas que se seguiram, houve discussões relativas às causas. Kanner — e mais adiante o famoso Bruno Bettelheim — atribuíram falsamente o problema às chamadas “mães-geladeira”, uma teoria que enfim desabou quando os testes genéticos do início da década de 1980 mostraram alta prevalência de autismo em gêmeos separados no nascimento.

Mas os números continuaram a crescer. No início da década de 1990, crianças com uma ampla variedade de perfis — das que giravam, se autoestimulavam nunca falavam às hiperverbais e hiperconcentradas — encontravam um diagnóstico que se encaixava em algum ponto do mapa estabelecido originalmente por Kanner (a definição do que depois seria chamado de “autismo clássico”) e por Asperger (a síndrome estudada por ele levaria seu nome depois que documentos perdidos foram traduzidos pela pesquisadora de desenvolvimento cognitivo alemã Uta Frith, em 1991). Em algum lugar no meio estavam o T1D e o T1D sem especificação, para as crianças que não se encaixavam em nenhuma das duas categorias.

No *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (ou *DSM, Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), publicado em 1994, todos esses tipos estão listados. Alguns médicos, dentre eles o dr. Rosenblatt, se referem a um *espectro* de transtornos relacionados. O motivo de os números parecerem crescer é um mistério, tanto quanto os tratamentos eficientes. Os dois que aparentam ser mais promissores são o behaviorismo de Lovaas e uma técnica desenvolvida por Stanley Greenspan, um professor da Universidade George Washington, chamada “*floortime*”, um sistema em que a criança basicamente é seguida — com base em suas necessidades ensimesmadas intensas — a qualquer lugar a que for, em uma tentativa de atraí-la “para fora”, por meio de diversos métodos. São terapias muito diferentes — quase opostas —, que compartilham o modelo de interação intensa e o objetivo de trazer as crianças de volta para o mundo.

Como Owen é “atípico” em algumas de suas características e, naquele ponto, a ABA era um destino do “autismo clássico”, apresentado no nascimento ou logo depois, Rosenblatt sugeriu que optássemos pelo *floortime*. Owen já participou de algumas sessões com uma adepta de longa data de Greenspan, uma senhora de meia-idade que não pa-